

# Desde Nuestra Escuela Paideia

Silvio Gallo\*

LUENGO, Josefa M. *Desde Nuestra Escuela Paideia*. Móstoles, Ediciones Madre Tierra, 1990.

Sempre que falo a respeito de minhas pesquisas sobre a educação anarquista, seja a educadores, seja a leigos, há uma pergunta que não deixa de marcar presença: há uma escola assim hoje?

Curiosidade bastante compreensível esta, posto que a escola anarquista coloca-se como objetivo uma “educação para a liberdade”, valor amplamente defendido — pelo menos a nível de discurso — pelos militantes de quaisquer matizes políticos, e mesmo por aqueles que ingenuamente se declaram apolíticos.

Como as principais experiências de que temos notícia estão distantes de nós um século ou mais e as contemporâneas, quando existem, são tão efêmeras que, ao procurarmos, elas já não mais existem, essa curiosidade fica cada vez mais aguçada.

Agora podemos, finalmente, satisfazer essa curiosidade. O desvelamento pode acontecer com uma viagem a Mérida, Espanha, ou através do livro de Josefa Martín Luengo, *Desde Nuestra Escuela Paideia*.

A autora é uma das ativas participantes do “Colectivo Paideia” que, desde 1979, vem desenvolvendo naquela localidade ibérica essa experiência de pedagogia libertária, publicando ainda uma revista pedagógica, livros didáticos segundo os métodos de trabalho da escola e livros sobre a educação libertária.

O programa e a filosofia da escola aparecem didaticamente resumidos na “Introdução”:

“Frente à autoridade, o progressivo desenvolvimento da liberdade que cada

etapa de desenvolvimento é capaz de alcançar. Frente à competitividade, o desenvolvimento das capacidades individuais e do esforço pessoal que cada ser é capaz de querer alcançar. Frente ao condutivismo, a liberação e a assunção da responsabilidade sem sentimentos de culpa; frente ao castigo, o diálogo razoável; frente aos programas estabelecidos, uma cultura racional e prática assumida através do próprio ritmo de amadurecimento, interesse e desenvolvimento de cada indivíduo concreto; frente à memória, a compreensão; frente à estereotipia, a criatividade; frente à submissão, a rebeldia; frente ao submetimento, a responsabilidade pessoal e coletiva; frente ao acúmulo de conhecimentos sem sentido, o desenvolvimento pleno da inteligência e o equilíbrio da personalidade; frente à agressividade, a tolerância e a compreensão; frente à superioridade de uns sobre outros, a autogestão e a autodeterminação pessoal e coletiva” (pp. 17-18).

Com estes princípios, alguns claros de início, outros que foram se esclarecendo através da prática sócio-pedagógica cotidiana, o coletivo de educadores lançou-se à “aventura” que é descrita no livro. Depois da exposição da fundamentação filosófico-didática da “Introdução”, o primeiro capítulo, “Los principios”, descreve o difícil e tumultuado processo de se construir uma escola autogerida em uma sociedade capitalista autoritária, a tentativa cotidiana de se autogerir como coletivo, na perspectiva interna e, do ponto de vista externo, a dificuldade de tornar clara aos pais das crianças a proposta pedagógica da escola e suas conseqüências, por um lado e, por outro, as tumultuadas relações com o Estado, através de seus órgãos destinados à supervisão escolar.

O segundo capítulo, “De como iniciamos el proyecto de la E. G. B.”, trata da implantação do nível similar ao nosso primeiro

\* Professor de Filosofia, é aluno do Programa de Pós-Graduação (Doutorado) da Faculdade de Educação da UNICAMP.

grau, que traz dificuldades de outra ordem. Uma coisa é a educação pré-escolar, outra é tratar com um nível de educação em que a programação curricular estatal já se faz sentir com muito mais intensidade.

“De como los menores se enganchan al carro”, o terceiro capítulo, mostra a escola já consolidada, com muitas das crianças que com ela iniciaram aos quatro ou cinco anos já crescidas. A escola já é uma comunidade estruturada e a questão agora é de como integrar as novas crianças pequenas neste grupo social autogerido.

Fecha a primeira parte do livro um quase-panfleto sócio-pedagógico: “De como el machismo és una imposición social y el sexo un tabu establecido”, relatando as dificuldades de se estabelecer uma comunidade onde homens e mulheres, meninas e meninos vivam realmente em igualdade, e das gratas surpresas que essa convivência pode trazer ao ser alcançada.

A segunda parte da obra é uma exposição do material pedagógico utilizado, através de amplo material fac-similado. Aparece primeiro uma série de desenhos e textos de crianças das mais variadas idades, descrevendo como vêem “Paideia”: a educação, as assembléias, os serviços de cozinha, de limpeza, o cotidiano da escola.

Reproduzem-se ainda várias atas de assembléias feitas pelos próprios alunos — interessante notar os assuntos nelas discutidos! —, cadernos preparados por monitores maiores de dez anos para os companheiros menores, que vão da matemática e da linguagem às ciências, as “fichas de compromisso” através das quais cada aluno faz sua própria programação de estudos — detalhadamente — por um certo período de tempo, e uma série de redações tratando dos mais diversos temas sociais.

Fecha a obra uma série de fotos da escola e das atividades desenvolvidas e uma série de citações bibliográficas sobre a educação progressista. A bibliografia geral apresenta uma variada gama de livros que tratam da questão “educação e liberdade”, não apenas as de orientação libertária,

constando, inclusive, algumas obras de Paulo Freire.

A prática do “Colectivo Paideia” não pretende, porém, ser mais uma utopia, uma ilha paradisíaca de autogestão em meio ao mar revolto do autoritarismo capitalista; sua inserção social é revitalizada cotidianamente e o seu ímpeto maior é a militância pela transformação social. Isso fica muito claro desde o início:

“Somos um país inculto, saímos da noite escura da opressão e da ignorância; devemos fazer frente a esta realidade e tratar de mudá-la sem dramas, ou ao contrário estaremos condenados a um processo de fixação e involução desatualizado e imobilista” (pp. 13-14).

Em que pesem as brutais diferenças entre o primeiro mundo e o quase quarto de que fazemos parte, parece que o abismo entre o Brasil e a Espanha não é assim tão grande, pelo menos no que diz respeito à questão educacional. Guardadas as devidas proporções — obviamente nossa tragédia é bem maior — estes países apresentam problemas estruturais no sistema educacional que são muito parecidos. Por isso, muito mais do que movidos pela simples curiosidade de conhecer uma escola anarquista, a leitura da obra de Josefa Luengo é importante para nós. Ela muito tem a dizer para os educadores brasileiros deste final de século.

